

## Trajétória de um homem sem História



Badou Koffi<sup>1</sup>

*Quando fores picado por uma cobra, ao ver um verme, você se afastará.*

(Provérbio Abidji)

*Quando algum portador de chéchia vermelha mata o teu pai, isto te prepara para não confiares mais em nenhum portador de chéchia vermelha.*

(Provérbio Songhoy)

A pedido da Revista Crioula, resolvo fazer uso da caneta, da folha e do computador que não me pertencem para sobrevoar a minha trajetória de homem sem história. Para os que esperam um texto literário, cheio de exotismos, de novidades e de ensinamentos, que viria

---

<sup>1</sup> Mestrando na Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP. Bolsista do CNPq.

de um ser estranhamente homem, tendo em conta o fato de que pertenço a um continente sem história, quero simplesmente levar ao vosso conhecimento que, por agora, não será possível; porque o meu texto se quer um esboço de fatos não-literários, que vêm traduzindo o peso do sofrimento intelectual e social que atravessa o meu ser africano, preto e pobre. Vale lembrar que não tenho história, ou seja, vivo na infância da razão e do conhecimento. Quero apenas contar historinhas de sempre. Permitam que as minhas historinhas não vos ofusquem. Aqui relato o que me foi ensinado pelo meu senhor, o mestre que tirou os meus ancestrais das cavernas. Quero, de fato, usá-lo para construir a minha história, gritando o que aprendi através da História do meu respeitado mestre. Quero ainda, nesta trajetória, usar o meu ‘olhar de migrante’, como fala Stuart Hall, para deixar gravado aquilo que a terra que acolheu os meus antepassados me ensina nesta busca cotidiana de conhecimentos. Quero por último, entender os porquês das visões estereotipadas a respeito do meu ser.

Sou originário da Costa do Marfim. Terra da África. Terra que dizem (e diz-se) independente. O meu mestre um dia acordou muito feliz, sem vontade de reprimir mais ninguém. A partir deste momento de felicidade, surgiu uma independência, a da minha terra. Uma independência *à la française*. Longa vida ao senhor!

É bom ver que conseguimos assimilar as lições de homens quase civilizados que conversam para se entender e libertar, para ganhar a liberdade de escolher um chefe e seguir o seu próprio caminho sem receber ordens de outrem.

É bom ver que os homens da minha terra são bons alunos na escola do mestre, para, mais tarde, pagarem o preço de uma liberdade que outras terras conquistam com o sangue dos seus filhos, com as mutilações e humilhações de suas filhas. A minha terra escapa *in extremis*. Obrigado querido mestre por nos poupar!

Será que minha terra, a terra dos elefantes, não foi salva porque o mestre aspirava a prevenir a extensão dos conflitos armados do além-mar? Será que não foi o contexto de guerras coloniais na Indochina

(1946-1954) e na Argélia (1954-1962) que nos salvou? Será que não foi o barulho das botas dos angolanos, moçambicanos e outros Palops a aterrorizar os portugueses que nos ajudou?

Será que, o senhor, não ficou com medo de perder toda a fonte de alimentação da economia da sua potência?

A História do meu mestre só me ensinou que a independência foi concedida à minha terra pela sua boa vontade. Viva a independência!

Dizem que a minha terra, a terra de elefantes sem marfins, é independente, porém, não conseguimos escolher o nosso caminho de homens livres, escolher o nosso chefe. Somos independentes ou não somos? Essa pergunta só terá resposta quando eu encontrar as pegadas da minha trajetória para construir a minha história. No momento, eu e os homens da minha terra andamos sem história!

Tenho uma trajetória conturbada. Tenho uma trajetória não retilínea. Tenho, portanto, uma trajetória circular como têm os homens sem história. Eu sei de onde venho e, até o momento, as portas desse lugar me estão abertas. Ando a busca duma verdadeira história que me tornará humano, pois, ainda não sou. Ando perdido e, em qualquer lado, revejo a imagem do homem das cavernas. Ouço vozes me dizendo de onde vim. Vejo gestos querendo me mostrar para onde devo ir. Nasci sem história!

Será que morrerei também sem história? Por onde passei até agora? Qual é o caminho, se de qualquer forma não existo? Negam minha existência? Quem sou eu?

### **A minha infância: à escola da vida**

Oriundo de um família modesta e humilde, aprendi as coisas da vida através de lições nas quais a vara e a palavra caminhavam lado a lado. A minha mãe, dona de casa e hospedeira das nossas tradições, me deu uma educação de acordo com os dogmas e costumes do clã dos feiticeiros-guerreiros, do qual provêm os Abidji, o meu povo. Respeitar os mais velhos e os anciãos. Não falar nem resmungar quando os pais

me repreendem ou censuram. Servir de modelo e guia para os mais novos. Ajudar os mais velhos. Dar de comer àqueles que passam fome. Aprender junto dos anciãos e respeitar o próximo seja qual for a sua origem, classe e cor. Essas eram algumas das principais lições cotidianas que precisava decorar enquanto criança. Esses eram os valores fundamentais para a criança Abidji que eu era. O homem que hoje sou tinha o dever de se dedicar de corpo e alma no respeito dessas normas da sociedade Abidji, sob o risco de receber severas punições no caso de descumprimento de uma delas. Tais punições partiam, frequentemente, dos membros da família restrita aos membros da família alargada (tio, tia, primo, avô...).

A aldeia, portanto, era o lugar, por excelência, da minha aprendizagem como homem Abidji. Junto da aldeia, a cidade era outro lugar de aprendizagem, a do modelo europeu, isto é, a escola do descendente gaulês, meu antepassado<sup>2</sup>. Esta aprendizagem ia de par necessariamente com o cristianismo, as máquinas de alienação do homem preto que sou, que é o meu pai e que foi o meu avô.

De Outubro a Julho, era necessário permanecer na cidade para estudar e aprender a falar como o meu mestre, tomar conhecimento da civilização segundo a sua filosofia de mundo. De Julho a Setembro, tinha que reencontrar a velha, a minha avó que nos contava em *Abidji*, a língua materna dos meus pais (a mim, aos meus irmãos, irmãs, primos, primas...), as noites em redor do fogo de lenha, as histórias das quais tirávamos a moral para nos espelhar, a fim de crescer com valores positivos dentro da sociedade. As férias serviam para manter os nossos espíritos enraizados nas nossas tradições, de maneira a perpetuar a herança de N'goh.

É ainda necessário constar que a minha infância foi marcada por uma simbiose de animismo e cristianismo. Era preciso aliar a evocação

---

<sup>2</sup> As crianças africanas das colônias francesas tinham o dever de aprender que os seus ancestrais eram gauleses: “bárbaros civilizados com olhos azuis”. Cf. BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé, *Les écoles historiques*, Seuil: Paris, 1997 [1983].

dos ancestrais aos louvores do outro crucificado. Isso se fazia de maneira muito alternada.

### **A escola do senhor, meu mestre**

*Ignorar o que aconteceu antes do seu nascimento é viver a vida de uma criança para sempre. Pois, o que é a vida de homem, se ela não está ligada à vida dos seus antepassados, através da memória das suas proezas passadas?*

Cícero (106 a.C.)

Sob a atmosfera da dualidade, aprendi a crescer num ambiente em que os livros, de maneira geral e os de História em especial, me instruíam sobre os prejuízos causados pelo tráfico dos negros. Porém, a participação dos meus antepassados neste fato histórico se apresentava como justificativa da entrada do europeu. A posteridade precisava que alguém escrevesse algo para relatar o que aconteceu. A História do meu mestre marcou de fato os relatos da escravidão. Isso é evidente, pois como diz o velho ditado africano: “Enquanto os leões não tiverem os seus próprios historiadores, as histórias de caça continuarão glorificando o caçador”.

A História do senhor esqueceu-se de me ensinar e apenas divulgou os resultados das pesquisas de William E. B. Du Bois sobre o número de negros deportados para as Américas. Segundo Du Bois, 100 milhões de africanos morreram durante a travessia do Atlântico. Ele avaliava em cerca de 15 milhões o número de negros que conseguiram alcançar as praias das Américas. Para Du Bois, cada africano que alcançava as margens deixava, pelo menos, cinco cadáveres no oceano.

Os mesmos livros de História me ensinaram a justificativa da colonização, porque era importante tirar o meu antepassado preto do estado de animalidade em que se encontrava para levá-lo a civilização, a

verdade e a razão. Não tínhamos história, era necessário que alguém a construísse para nós.

Na escola primária e no Colégio, aprendi a me rejeitar como homem das cavernas, homem das tangas, homem das casas de terra batida e telhado de palhas, e a me construir no modelo europeu. Foi a herança da colonização. O caráter animal que em mim sombreava tinha que ser domesticado. A minha entrada no mundo, segundo Victor Hugo, passava pelo ritual iniciático que se celebra por meio do ingresso na escola do meu mestre.

O discurso de Victor Hugo<sup>3</sup>, pronunciado no 31º aniversário da abolição da escravidão, em Paris, no dia 18 de Maio de 1879, desvela o verdadeiro rosto daquele a quem se outorga o título de defensor dos fracos e oprimidos do mundo, de glorioso apóstolo do direito sagrado do gênero humano:

O Mar Mediterrâneo é um lago de civilização; com certeza, não é por acaso que o Mar Mediterrâneo tem por um lado das suas margens o velho universo e no outro o universo ignorado, isto é, de um lado toda uma civilização, e do outro toda uma barbaridade. [...] A Ásia tem a sua história, a América tem a sua história, a própria Austrália tem a sua história que data do seu começo na memória humana; a África não tem história; uma espécie de legenda vasta e escura a oculta. Roma a tocou para fazê-la desaparecer; e quando achou que se livrou da África, Roma lançou sobre esta imensa morta, um dos seus epítetos que não se traduzem: *Africa Portentosa*. É o que é absoluto no horror. O brilho tropical, com efeito, é a África. Parece que ver a África, é tornar-se cego. [...] A África importa ao Universo. Tal supressão de movimento e de circulação obstrui a vida universal, e a evolução humana não pode mais se acomodar por muito tempo com um quinto do globo paralisado. Os Corajosos pioneiros arriscaram-se e, a partir dos seus primeiros passos, esta terra estranha tornou-se real. [...] Esta África selvagem tem apenas dois aspectos: povoada, é a barbaridade; deserta, é a

---

<sup>3</sup> 31ème anniversaire de l'abolition de l'esclavage. Banquet commémoratif donné à Paris le 18 mai 1879 sous la Présidence de Victor Hugo. Compte rendu par Gaston Gerville-Réache, Brière, Paris, 1879, p. 8.

crueidade, mas não se esconde mais. [...] No século dezenove, o Branco fez do Preto um homem; no século vinte, a Europa fará da África um mundo. Refazer uma África nova, tornar velha a África manejável à civilização, tal é o problema. A Europa o resolverá. Vão, Povos! Apropriem-se desta terra. Tomem-na. A quem? A ninguém. Tomem esta terra a Deus. Deus dá a terra aos homens. Deus dá a África à Europa. Tomem-na”.<sup>4</sup>

Embora muito inspirado pelo gênio crescente da sua poesia naquele momento, o discurso de Victor Hugo cheira, hoje, a ironia e apresenta paixões e emoções de um grande poeta com carências históricas notáveis.

Ainda assim, quero concordar com a sua asserção, quando diz que, no século XIX, o Branco fez do Negro um homem e que, no século XX, a Europa fará da África um mundo. Pois é! Não restam dúvidas de que, no século XX, a Europa fez da África o terceiro-mundo.

Mais de um século após esse discurso, as sequelas vivas e sangrentas continuam me lembrando que o caminho para a construção da minha história permanece coberto de emboscadas. As humilhações

---

<sup>4</sup> **Versão original traduzida** “La Méditerranée est un lac de civilisation; ce n’est, certes, pas pour rien que la Méditerranée a sur l’un de ses bords le vieil univers et sur l’autre l’univers ignoré, c’est à dire d’un côté toute une civilisation, et de l’autre toute une barbarie.[...] L’Asie a son histoire, l’Amérique a son histoire, l’Australie elle-même a son histoire qui date de son commencement dans la mémoire humaine; l’Afrique n’a pas d’histoire; une sorte de légende vaste et obscure l’enveloppe. Rome l’a touchée pour la supprimer; et quand elle s’est crue délivrée de l’Afrique, Rome a jeté sur cette morte immense une de ces épithète qui ne se traduisent pas: *Africa Portentosa*. C’est ce qui est absolu dans l’horreur. Le flamboiement tropical en effet, c’est l’Afrique. Il semble que voir l’Afrique, ce soit être aveuglé. [...] L’Afrique importe a l’Univers; Une telle suppression de mouvement et de circulation entrave la vie universelle, et la marche humaine ne peut s’accomoder plus longtemps d’un cinquième du globe paralysé. Les hardis pionniers se sont risqués et, dès leurs premiers pas, ce sol étrange est apparu réel. [...] Cette Afrique farouche n’a que deux aspects: peuplée, c’est la barbarie, déserte, c’est la sauvagerie, mais elle ne se dérobe plus. [...] Au dix-neuvième siècle, le Blanc a fait du Noir un homme; au vingtième siècle, l’Europe fera de l’Afrique un monde. Refaire une Afrique nouvelle, rendre la vieille Afrique maniable à la civilisation, tel est le problème. L’Europe le resoudra. Allez, Peuples! Emparez-vous de cette terre. Prenez-la. À qui? À personne. Prenez cette terre à Dieu. Dieu donne l’aterre aux hommes. Dieu donne l’Afrique à l’Europe. Prenez-la”.

cotidianas que sofro me levam a ficar atento a todos os falsos filantropismos e aos debates sobre o continente negro.

Em 2007, durante a sua primeira viagem ao Senegal, enquanto presidente da França, Nicolas Sarkozy clama com toda a “sinceridade” e a disposição em querer mudar o estado de inferioridade em que se encontra ainda o negro africano: “*o Homem africano ainda não entrou bastante na história*”<sup>5</sup>. Definitivamente, direi que não há maior verdade que essa frase do meu querido mestre.

Reconheço a nossa parte de responsabilidade nos sofrimentos de nossas populações: guerras, genocídios, ditaduras, corrupções, pilhagens de nossos recursos, pacto colonial etc. Não somos inocentes em todos os desastres e males causados pelas redes européias. Apesar disso, esses males são provocados e mantidos por forças exteriores, prontas para qualquer crime: para consolidar, aumentar e salvaguardar os seus privilégios na minha terra.

Porém, é difícil aceitar esse tipo de acusações, de uma violência inesperada, da parte do representante dum país que deve o seu desenvolvimento aos braços válidos de homens e mulheres da minha terra. O interessante neste discurso é que ele não está dirigido aos *collabos* e tiranos da minha terra, aqueles que reduziram o meu continente a mendicidade. Ele está dirigido ao homem africano, ao homem negro que sou. Nunca teremos críticas justas para iluminar o nosso caminho. Teremos sempre presentes envenenados para entravar a marcha da construção da nossa história.

É preciso dizer, que o meu mestre, o dono do saber e da História subestimou a minha capacidade de entender a sua língua, revelar as suas omissões e reverter longos séculos de mentiras.

Quis, um dia, junto com o meu povo, contradizer esta história, reclamando uma verdadeira independência, a fim de construir uma história que dizem que não tenho. Sofremos uma das punições mais

---

<sup>5</sup> Discurso pronunciado na Universidade Cheik Anta Diop de Dakar no dia 26 de Julho de 2007.



sangrentas e mais vergonhosas. Servimos de marionetes dos campos de guerra do meu mestre. Acabávamos, então, por aprender uma lição: o nosso mestre quer nos ver como alunos disciplinados e preocupados em construir a nossa nação do jeito que ele decidir. A punição foi exemplar. Muitos mortos. Morreram mulheres, menores. Morreram. A minha memória nunca se esquecerá de Novembro de 2004. Obrigado querido mestre pela punição!

As suas mídias apresentaram a crise marfinense como uma guerra civil, uma guerra étnica, uma guerra tribal, uma guerra de secessão, entre o norte muçulmano e o sul cristão. Isso feito de maneira a legitimar a presença das suas forças no território em que vive o meu povo e que não nos pertence ainda. Escondendo de fato a participação da sua máfia “Françafrique” nessa crise. Para quando a nossa libertação!

### **A universidade e a escola do homem**



É necessário dizer que o meu questionamento contínuo a respeito de um desenvolvimento sustentável que possa permitir-nos (aos meus conterrâneos e a mim) vivermos em condições decentes, nasce de uma viagem a Lisboa em 2003. Naquele ano consegui uma bolsa do Instituto Camões para o curso de Verão. Essa bolsa me foi concedida, pois neste ano concretizava um sonho.

Vale salientar que o meu interesse para o português nasceu em 2000. Na impossibilidade de ingressar na faculdade de ciências jurídicas e políticas, que me levaria para estudos em ciência política, resolvi escolher um curso que me daria a possibilidade de estudar línguas (a minha outra paixão). Escolhi, portanto a faculdade de Línguas, Literaturas e Civilizações (LLC) da Universidade de Cocody/Abidjan. Depois de três anos de dedicação e abnegação no departamento de Estudos Ibéricos e Latino-americanos, consegui a bolsa que me levaria pela primeira vez fora do continente africano.

Essa viagem me permite tomar consciência do atraso em que se encontra o meu país e o meu continente em relação aos outros mundos. Acabo de entender o significado de países terceiro-mundistas. Acabo de descobrir que, embora Portugal seja considerado um dos países pobres da Europa, a diferença de desenvolvimento entre esse país e o meu é enorme. Embora muito mais rico em recursos naturais do que Portugal, a minha terra continua às margens do desenvolvimento.

Descubro com grande tristeza que, em 1960, a terra dos elefantes sem marfins mudou apenas de governador. A independência de que se fala é uma mera utopia pela qual as próximas gerações (e a minha inclusive) devem lutar para conseguir. Nenhuma independência seja ela política ou econômica, nos foi concedida. As guerras de libertação, tomando aqui como exemplos as de Angola e Moçambique, tiveram um verdadeiro motivo. A independência não se concede, ela conquista-se com suor e luta. Pois, se a terra do meu mestre continua uma potência até hoje, isso se deve aos inúmeros golpes baixos das suas multinacionais. Mas o que valem as minhas considerações?

O meu questionamento me obriga então a uma obstinação no que diz respeito a todas as questões políticas e econômicas que tocam a terra dos meus pais, outrora terra de marfins, terra dos meus antepassados e terra de N’goh. Descubro, a cada passo, a mentira que é a História do meu mestre, a que me constrói sempre como ser inferior na minha aprendizagem do mundo, mascara a verdade, me desvia do conhecimento e do verdadeiro saber. A minha voz cientemente silenciada pelo mestre quer se soltar. Quero encarar as minhas enfermidades e gritar à face do mundo, que a culpa não é só de minha parte. Ela é compartilhada. Mas a História só me joga a culpa. Qual é o caminho seguro para buscar o verdadeiro caminho do saber e da razão?

Evitar, nesta grande busca de saber, a terra do meu mestre, por medo de me ver alienado a cada passo? Evitar a terra daquele que fez de sair o meu antepassado Nghoh da barbaridade? Sim, é necessário fazer uma escolha: ou me alienar ainda mais e continuar aceitando que os outros mundos tratem o meu continente e os seus filhos de menos inteligentes que “o homem de olhos azuis”, ou que a minha terra e os seus filhos sejam tratados de terra de safári, de animais selvagens e de seres mais ou menos humanos.

Preciso fazer uma verdadeira escolha. Mas, aonde ir? Se de toda parte, o meu querido mestre e os seus aliados civilizados criam programas de rejeição e expulsão dos indígenas da minha cor. Mesmo assim, a minha vontade de vencer as suas mentiras se faz cada vez mais forte e firme.

Então, nesta constante busca de escolha, abre-se um novo horizonte. Um horizonte descoberto por meio das telenovelas, do carnaval e do futebol. Lugar de harmonia “perfeita” entre pele preta, pele ‘semipreta’, pele mais ou menos branca e pele... Não falo dos outros indígenas que não se deixam seduzidos pelas vitrines dos shoppings, pela Fórmula1 e pelas outras atrações das megalópoles.

**A minha escolha: Brasil, o meu ‘paraíso terrestre’**

Chego no dia 23 de março de 2007, por volta das quinze horas no aeroporto de São Paulo (Guarulhos). Sou recepcionado por um dos meus compatriotas, vindo, na ocasião, me ajudar nos meus primeiros passos no “paraíso”. Diria que foi um dia interessante e inesquecível, considerando os relatos incentivadores sobre a vida neste “paraíso”. O meu desejo, de realizar grandes estudos, cresce. E pouco a pouco, finalizo a minha instalação e a minha regularização nesta ‘maravilha’ de terra. Tenho o primeiro contato com a minha orientadora, a Professora Tania Celestino Macêdo, outra fonte de motivação. É preciso encarar as causas da minha vinda ao “paraíso”, o Mestrado para o qual fiz a viagem. As coisas sérias começam. Curso as diferentes disciplinas e participo das atividades do meu programa (Estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Reconstruo o meu tema de pesquisa (A consciência da subalternidade: trajetória da *Rami* em *Niketché* de Paulina Chiziane) com a minha orientadora. Insiro-me pouco a pouco na sociedade brasileira. Todavia é importante lembrar que a minha vinda ao Brasil se insere no quadro da cooperação entre o meu País e a Costa do Marfim. O Brasil, nos acordos de cooperação assinados com o meu País, oferece vagas concorridas para a Graduação e pós-graduação para alunos marfinenses com vontade de estudar em universidades brasileiras. Uma primeira seleção, no caso da pós-graduação (com análise de currículos, projetos de pesquisa, provas etc) é feita. Em seguida, é feita outra seleção com as agências (CAPES e CNPq) e o Itamaraty. Em 2006 fui o único aluno escolhido para ingressar no Mestrado na Universidade de São Paulo, como bolsista do CNPq, durante dois anos (Março de 2007 / Abril de 2009). E junto comigo, dois outros para o Doutorado.

Começo, então, a enfrentar as desilusões por que passam os estudantes africanos. Devo, sempre que saio de casa, preparar um discurso que possa me permitir mostrar e demonstrar que não sou o que os outros pensam que sou. Começo a ter, diariamente, atenção aos meus passos e as minhas falas. Saio sempre com a minha carteira de aluno, que é a minha única “identidade” e que dá certa aproximação ao

estatuto de humano na terra brasileira. Devo, sempre, me preparar para que a Universidade de São Paulo me sirva de bandeira aos olhares dos anjos de guarda do meu paraíso. Uso a universidade para me servir de escudo contra as várias formas de discriminação e para poder passar da categoria de preto à categoria de ‘quase homem’. Enquanto aluno, o discurso a meu respeito muda. De traficante, bandido ou ‘mafioso nigeriano’, as adjetivações atingem um grau de conotação menos pejorativo ou marginal. Então, passo a ser um prestador de serviços.

O prestador de serviços deve se entender em todos os planos, tanto no plano das atividades lucrativas, como no plano relacional. Depois de cumprir os dois anos de bolsas do CNPq, descubro a minha vulnerabilidade frente aos olhos de pessoas que, ao saber que o aluno estrangeiro não tem o direito de trabalhar, se aproveitam da situação para subjugá-lo. A escravidão continua!

Também, é interessante saber que a diversidade cultural, a liberdade de expressão e, sobretudo, a escolha de vida põem qualquer aluno africano em situações, às vezes, contrastantes àquelas que ele esperava encontrar no ‘paraíso’. Não quero aqui criticar uma prática, esse não é o objetivo deste texto. Mas quero, simplesmente, dizer que não posso servir de bode expiatório para prazeres mesquinhos, egoístas e egocêntricos. A minha cor, o fato de eu ser africano e pobre não deve ser sinônimo de ‘máquina produtora de prazer ou de força exótica’. Como todo o homem, tenho a faculdade de pensar a minha própria existência e, como diz Descartes, “cogito, ergo sum”. Embora o meu mestre me negue uma história, o sentimento de existir cria em mim, de maneira absoluta, emoções, pontos de vistas e sentimentos que, às vezes, são ignoradas no ‘paraíso’.

O tratamento, os estereótipos e preconceitos, tendo em conta a proveniência (africana) e a cor (preta). São os principais inconvenientes que fazem desta terra hospedeira, deste ‘paraíso terrestre’, uma terra de fracasso para alguns dos filhos do meu continente. No que me diz respeito, o fracasso ainda não se imagina e espero que os meus antepassados me permitam levar até o fim os meus projetos de estudos.

Como diz a minha avó, a velha: “quando tens a tua mão na boca do leão, evita chateá-lo. Tente acariciá-lo no sentido do pelo, para que ele não a arranque”. Não acrescento mais nada a respeito do meu paraíso, para tentar respeitar esse provérbio da velha, minha avó. Quero, contudo, reconhecer a grande contribuição, nos planos acadêmicos, espirituais e morais, da terra que me recebe. É importante salientar que esses apoios me permitem continuar a construção da história de homem civilizado que ainda não tenho.

Tento, por enquanto, desconstruir as Histórias e os ensinamentos do meu mestre, alicerçando, assim, pilares fortes para a construção da minha história que virá (quem sabe um dia!) a ser reconhecida.

Ademais, só quero ser homem antes de ser negro, africano e pobre, sem deixar de lutar para que isso seja possível. Continuarei lutando nessa terra que me acolheu para que na hora de voltar para minha, eu possa dizer *Veni, vidi, vici*.

